

A VOCALIZAÇÃO VARIÁVEL DA LATERAL

Laura Rosane Quednau
UFRGS

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo da lateral pós-vocálica, velarizada ou vocalizada. Os dados foram estudados estatisticamente sob a perspectiva variacionista e analisados sob a perspectiva da fonologia não-linear.

O modelo variacionista (Labov, 1966, 1969, 1972) permitiu elencar os fatores que condicionam o comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica no português gaúcho na base de um *corpus* constituído pela fala de vinte e oito indivíduos de quatro regiões representativas de diferentes grupos étnicos importantes na formação sociocultural do Rio Grande do Sul. Além disso, apontou o fator *grupo étnico* como o que mais favorece a presença das duas variantes.

Este artigo tem por objeto somente a análise lingüística dos fatores, com a finalidade de interpretar a velarização e a vocalização. É a regra variável analisada à luz da Teoria da Geometria dos Traços (Clements, 1985, 1989, 1991) e da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985; Booij e Rubach, 1984, 1987).

2 - A VELARIZAÇÃO E A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA EM PORTUGUÊS

Sabe-se que, na língua portuguesa, o /l/ é anterior [l], ou seja, coronal, em posição pré-vocálica, e, em posição pós-vocálica, é posterior [ɫ] (ou seja, dorsal, conforme proposta de Clements, 1989). É o que se denomina *distribuição complementar*, "... dois sons são encontrados em ambientes mutuamente exclusivos"¹ (Hyman, 1975, p. 62). Isso quer dizer que no ambiente onde um deles ocorre, o outro não ocorre. Dessa forma, o fonema /l/ pode ter sua realização fonética como [l] ou [ɫ], dependendo da sua posição na sílaba, como mostram os exemplos:

¹ "... the two sounds are found in mutually exclusive environments". (Hyman, 1975, p. 62).

(1) Posição CV [l]	Posição VC [ɫ]
lado	alto
lua	alface
límpo	sal

É nesta posição pós-vocálica que a lateral pode realizar-se como [ɫ] ou [w], o que é atestado pelos dados analisados nesta pesquisa, sob a perspectiva variacionista. Dentro da Fonologia Tradicional, essas variantes são ditas livres e de aplicação imprevisível, sendo atribuídas a um indivíduo ou a um grupo social ou regional. Essa variação livre, à luz da proposta de Labov, não é tão imprevisível como parece ser. Afinal, fatores lingüísticos e extralingüísticos podem privilegiar o uso de uma das formas, funcionando como condicionadores. Os exemplos são do seguinte tipo:

(2) Vocábulo	[ɫ]		[w]
sal	sa[ɫ]	ou	sal[w]
carrossel	carrosse[ɫ]	ou	carrosse[w]
sol	so[ɫ]	ou	sol[w]

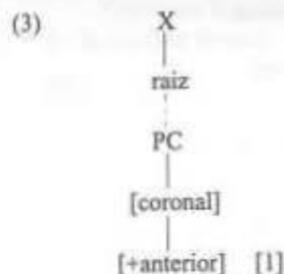
Dentre os fatores lingüísticos e extralingüísticos examinados, o que se apresentou com relevância maior no comportamento diferenciado da lateral pós-vocálica foi *grupo étnico*. Isso é suficiente para justificar que [ɫ ~ w] é uma *variável sociolingüística, embora tenha o caráter de regra telescópica no sentido de que desenvolve um caminho natural de evolução, facilmente detectável e previsível*. Portanto, a variação de [ɫ] ou [w] depende principalmente do grupo étnico a que o indivíduo pertence, sendo favorecida relativamente por outros elementos lingüísticos como acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente, como costuma acontecer com regra variável.

Vejamos agora como interpretar os fenômenos da velarização e da vocalização da lateral pós-vocálica, valendo-nos da proposta da Geometria dos Traços (Clements, 1985, 1989, 1991).

2.1 – Os segmentos envolvidos

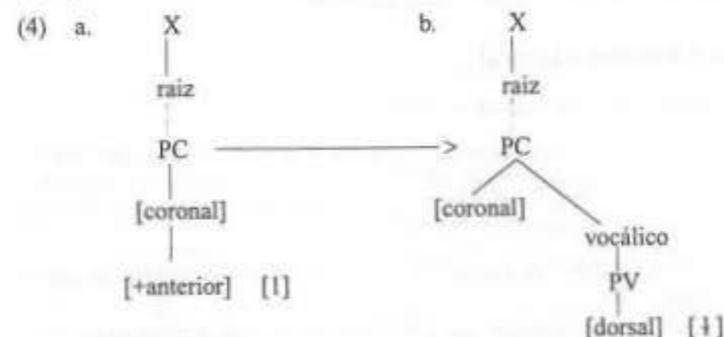
Para representar os segmentos [ɫ] e [w] em termos de traços fonológicos hierarquizados, buscou-se amparo na Teoria da Geometria dos Traços, que concebe o segmento como um conjunto de traços independentes, representados em nós separados ligados uns aos outros por linhas de associação. Há processos que envolvem um conjunto de traços ou apenas um traço, sem afetar os outros. No caso do presente estudo, os processos de velarização e de vocalização envolvem apenas os traços referentes ao nó *ponto de articulação*; os demais não estão envolvidos, razão por que os deixamos de lado nas representações que seguem.

Vejamos, então, primeiramente, a representação parcial do [ɫ] alveolar (de lado, sala, lua):



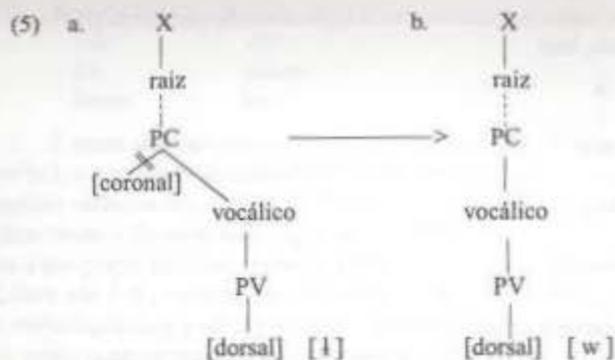
Como vemos na representação acima, os traços primários de ponto de articulação foram ligados diretamente à ocorrência mais alta do nó PC (Ponto de Articulação de Consoante). Trata-se de uma consoante plena, ou seja, constituída de traços primários.

Em posição pós-vocálica, essa líquida lateral é velarizada (sa[ɫ], so[ɫ]to, carrosse[ɫ]), isto é, torna-se uma consoante complexa, pois possui traços de ponto de consoante (PC) e traços de ponto de vogal (PV), como (4) representa:



Na caracterização de [ɫ] velarizado (diagrama (4) b.), os traços primários de ponto de articulação de consoante estão ligados a PC, mas essa consoante possui também traços de ponto de articulação de vogal (PV), que são ligados ao mais baixo dos dois nós de ponto de articulação (PV) como articulação secundária, que a proposta de Clements (1991) trata como adição de um nó vocálico a uma consoante. Assim, o que dá conta da velarização do /l/ é o traço vocálico [dorsal].

Por outro lado, a lateral pós-vocálica pode também ser vocalizada (sa[w], so[w]to, carrosse[w]). Esse é um processo muito simples, pois se trata apenas da perda da articulação consonantal:



Na representação (5)a., o traço [coronal], que caracteriza a lateral velarizada como consoante complexa, foi desligado (linha cortada) e o segmento resultante ficou apenas com o traço vocálico [dorsal] ((5)b.). A passagem de [ɹ] para [w] é, pois, uma regra de desligamento do traço consonantal [coronal], como (5) revela.

Por conseguinte, o processo envolvido na velarização consiste na adição do nó vocálico à lateral alveolar, enquanto o processo envolvido na vocalização é de desassociação do traço coronal.

2.2 – A Fonologia Lexical

De acordo com Kiparsky (1982, p. 131),

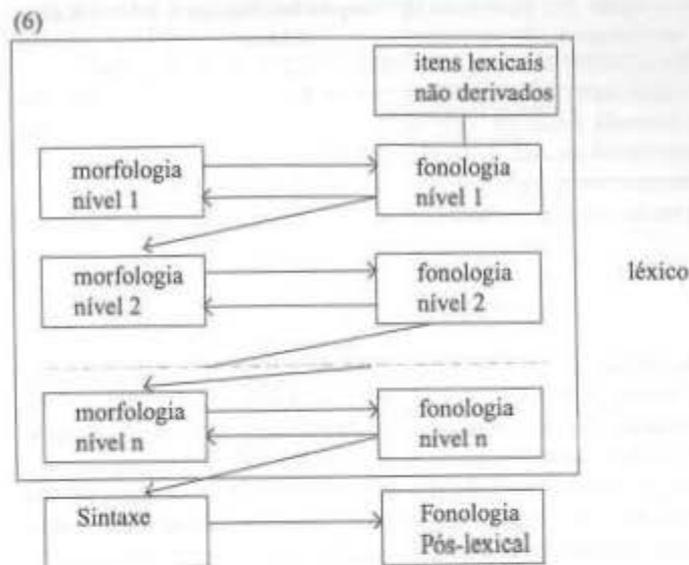
“... os processos derivacionais e flexionais de uma língua podem ser organizados em uma série de níveis. Cada nível é associado a um conjunto de regras fonológicas, para as quais o referido nível define o domínio de aplicação”.²

Nessa perspectiva, procuramos localizar gramaticalmente as regras em estudo.

É necessário salientar que a hierarquia existente entre esses níveis, além de definir um possível ordenamento dos processos morfológicos na formação e composição de palavras, também concebe uma divisão entre regras que são aplicadas no léxico e aquelas que operam em combinações de palavras nas sentenças. No âmbito da Fonologia Lexical, essa dicotomia é estabelecida através de regras fonológicas que são aplicadas em um componente *lexical*, no qual as regras estão sujeitas a informações sobre morfemas, ao ciclo e à restrição do ciclo estrito, e regras que se aplicam

em um componente *pós-lexical*, ou seja, sobre o resultado da sintaxe. Tais regras desconhecem informações morfológicas e exceções.

Conforme Kiparsky (1982, p. 132), o léxico do inglês está estruturado da seguinte forma:



De acordo com esta proposta, o conjunto de caixas da direita constitui a totalidade dos itens lexicais de uma língua. Observe-se que o resultado de cada nível pode ser a entrada de outro.

Mas é preciso enfatizar que, apesar de o léxico se caracterizar por regras cíclicas, existem também regras que não são cíclicas. Nesse sentido, Booij e Rubach (1984, 1987) apresentam a proposta de Kiparsky revisada, onde o componente lexical subdivide-se em cíclico e não cíclico (Booij e Rubach, 1984, p. 2):

² “... the derivational and inflectional processes of a language can be organized in a series of levels. Each level is associated with a set of phonological rules for which it defines the domain of application”. (Kiparsky, 1982, p. 131).



De acordo com essa proposta, as regras lexicais que atuam no componente lexical podem ser *cíclicas* (proposta de Kiparsky, 1982), aquelas que são reaplicadas após cada operação de formação de palavra, interagindo com as regras morfológicas de forma direta, e *pós-cíclicas*, aquelas que não interagem com a morfologia, isto é, são aplicadas quando a palavra está pronta. Já as regras pós-lexicais são aplicadas em sentenças derivadas pela sintaxe, atuando em combinações de palavras.

Vimos que o /l/ em posição pós-vocálica pode realizar-se como [ɫ] (velarizado) ou [w] (vocalizado), ou seja, nessa posição, há uma velarização (4) ou uma vocalização (5) da lateral. O nosso objetivo agora é verificar qual é o componente de aplicação (lexical ou pós-lexical) dessas duas regras.

Vejam inicialmente como a velarização e a vocalização se comportam em relação à derivação de palavras, imaginando-as, portanto, no componente lexical.

(8) *so/l/aço*
 Silab. so-la-ço
 Velar. --- (sem contexto)
 Vocal. --- (sem contexto)
 Saída so[l]aço, mas não *so[l̥]aço nem *so[w]aço

ma/l/ + -íssimo
 Silab. ma-lí-ssi-mo
 Velar. --- (sem contexto)
 Vocal. --- (sem contexto)
 Saída ma[l]íssimo, mas não *ma[l̥]íssimo nem *ma[w]íssimo

Nesse conjunto de exemplos, não se cria contexto para a aplicação das regras de velarização e de vocalização, surgindo, pois, na estrutura de superfície, a lateral alveolar da subjacência. Com efeito, a silabação de palavras no processo de acréscimo de sufixos primários e de sufixos especiais iniciados por vogal coloca a lateral na posição pré-vocálica como [l] alveolar, sua forma original.

Admitindo-se que a composição é um processo sintático, verifiquemos agora a atuação das regras de velarização e de vocalização em um exemplo de palavra composta e outro de frase em que o elemento que segue a lateral é uma vogal. É necessário lembrar que, no componente pós-lexical, ao se combinar uma palavra que termina por lateral com outra que inicia por vogal, haverá uma ressilabação, colocando a lateral em posição pré-vocálica. Seguem os exemplos:

(9) *ma/l/ + educado*
 Ressil. ma-le-du-ca-do
 Velar.e Voc. --- (sem contexto)
 Saída ma[l̥]-educado

O animal era muito grande.
anima/l/ + era
 Ressil. a-ni-ma-le-ra
 Velar./Voc. --- (sem contexto)
 Saída anima[l̥] era

A ressilabação desfaz o contexto de aplicação das regras em estudo e a lateral, ficando em posição pré-vocálica, realiza-se como coronal.

No entanto, note-se que a vocalização é uma variável presente em formas como *ma[w]-educado* e *anima[w] era*. De onde essas formas provêm? Bem, vimos que a ressilabação que ocorre no componente pós-lexical impede que a regra de vocalização se aplique. Então, esta regra tem de se aplicar necessariamente antes da ressilabação, ou seja, no componente lexical, como segue:

(10) *Componente lexical*
ma/l/
 Silab. ma
 Vel. ma [ɫ]
 Voc. ma[w]
 Saída ma[w]

anima/l/
 Silab. a-ni-ma
 Vel. a-ni-ma [ɫ]
 Voc. anima[w]
 Saída anima[w]

(11) Componente pós-lexical

ma[w] + educado > ma[w]-educado

anima[w] + era > anima[w]era

Observe-se que, quando da combinação dessas palavras no componente pós-lexical, a ressilabação e a aplicação da regra de velarização não têm vez, porque a lateral já está vocalizada.

Para os exemplos em (9) e (11), há, portanto, duas alternativas de análise: 1ª) a lateral espera pela ressilabação no componente pós-lexical, do que resulta *ma-le-du-ca-do* e *a-ni-ma-le-ra*; 2ª) a lateral é vocalizada no componente lexical, do que resulta *ma[w]-educado* e *anima[w]era* na combinação de palavras no componente pós-lexical.

Observe-se que casos como *ma-le-du-ca-do* e *a-ni-ma-le-ra* (9) indicam que a lateral alveolar é preservada pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical, pois passa para a posição de ataque (*onset*), onde se realiza como coronal. Portanto, para os indivíduos que produzem formas como *ma-le-du-ca-do* e *a-ni-ma-le-ra* e os que possuem as variantes [ɫ] - [w], as regras de velarização e de vocalização só podem atuar sobre a lateral pós-vocálica que sobrou, que é a que figura em posição final absoluta e em posição de coda, diante de consoante:

(12) mal	mal[ɫ]	~	ma[w]
maldade	ma[ɫ]dade	~	ma[w]dade
geralmente	gera[ɫ]mente	~	gera[w]mente
mal-me-quer	ma[ɫ]-me-quer	~	ma[w]-me-quer
mil pessoas	mi[ɫ] pessoas	~	mi[w] pessoas

Todavia admite-se que haja indivíduos ou comunidades de fala que somente possuem nesta posição a lateral vocalizada. Neste caso, a regra de vocalização se aplica ainda no componente lexical, como regra pós-cíclica, admitindo-se a proposta de Booij e Rubach (1984, 1987).

Isso nos leva a concluir que indivíduos que têm na posição VC as variantes [ɫ] - [w] esperam pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical ao combinarem-se as palavras. Portanto, essas regras são pós-lexicais. Por outro lado, aqueles indivíduos para os quais a regra telescópica chegou à sua fase final, ou seja, aqueles que possuem apenas a variante [w], promovem a vocalização a um *status* de regra categórica e, portanto, lexical. Nesse caso, essa regra tem de necessariamente ser aplicada no fim do componente lexical, ou seja, depois de completados todos os ciclos, para que se evitem formações incorretas como *so[w]aço, *pince[w]ada, etc. Para esses indivíduos, a regra de vocalização da lateral pós-vocálica configura-se como lexical pós-cíclica.

3 - CONCLUSÃO

Podem-se resumir os resultados desta investigação, que visou a estudar os fenômenos da velarização e da vocalização da lateral pós-vocálica em português, da seguinte forma:

- quanto aos aspectos tratados a partir dos pressupostos da Teoria da Geometria dos Traços, constatou-se que o processo de velarização da lateral pós-vocálica deve ser visto como a adição do nó vocálico à lateral coronal (alveolar). A esse nó está associado o PV, ao qual se liga o traço [dorsal]. Já o processo de vocalização consiste no desligamento do traço [coronal], que caracteriza [ɫ] velarizado como consoante. Com a perda desse traço, o segmento resultante fica apenas com o traço vocálico [dorsal]. Tais explicações foram facilitadas pela visão dos segmentos como conjuntos de traços hierarquizados.

- no que tange à posição das regras no sistema de acordo com a linha da Fonologia Lexical, inferiu-se, através da análise de alguns exemplos, que a variação [ɫ] - [w] é pós-lexical para os indivíduos que possuem as duas variantes. Estes esperam pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical e só depois aplicam as mencionadas regras. Para os indivíduos que não praticam a variação, isto é, só têm [w] na referida posição, a regra foi alçada para o componente lexical, configurando-se como lexical pós-cíclica. Portanto, a vocalização é lexical e pós-lexical.

Referências bibliográficas

- BOOIJ, Geert; RUBACH, Jerzy. Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, n. 1, p. 1-27, 1984.
- . Postcyclic versus postlexical rules in lexical phonology. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-44, 1987.
- CLEMENTS, George N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, n. 2, p. 225-252, 1985.
- . On the representation of vowel height. Não publicado, 1989.
- . Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working papers of the Cornell phonetics laboratory*, n. 5, p. 77-123, 1991.
- HYMAN, Larry M. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- KIPARSKY, Paul. From cyclic phonology to lexical phonology. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval (Org.). *The Structure of phonological representations* (Parte 1). Dordrecht: Foris, p. 131-176, 1982.
- . Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook 2*. London: Cambridge University Press, p. 85-138, 1985.
- LABOV, William. Contraction deletion and inherent variability of the English copula. *Language*, v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.
- . *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
- . *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.